



Sociedade e Cultura

ISSN: 1415-8566

brmpechincha@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil

Rios, Sebastião

Os cantos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis

Sociedade e Cultura, vol. 9, núm. 1, janeiro-junho, 2006, pp. 65-76

Universidade Federal de Goiás

Goiânia, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70390105>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

 redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Os cantos da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis

SEBASTIÃO RIOS*

Resumo: Neste ensaio, apresentamos algumas reflexões sobre o sentido de certos cantos da Folia de Reis e do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, a partir de uma breve linha do desenvolvimento histórico dessas festas. Buscamos, sobretudo, compreender a intermediação com o plano do sagrado e o mundo sobrenatural exercida por meio desses objetos simbólicos criados pelos mestres da cultura popular. Os cantos e depoimentos citados integram trabalhos de registro e divulgação do patrimônio imaterial realizados sob coordenação do autor.

Palavras-chave: cultura popular; festa da religiosidade popular; sociologia da religião; Folia de Reis; Reinado do Rosário.

Introdução

Neste ensaio, serão apresentadas algumas reflexões sobre a Folia de Reis e o Reinado de Nossa Senhora do Rosário como festas da religiosidade popular. Convém advertir, entretanto, que são festas compostas de cerimônias assaz ricas em significados difíceis de serem desvendados, alguns inacessíveis aos não-iniciados – afirmação especialmente válida para o Reinado do Rosário, cuja complexidade passou despercebida a muitos de seus observadores e estudiosos e só recentemente começa a ser vista com mais atenção. Fruto de alguma dedicação ao estudo dessas festas religiosas populares, este ensaio, entretanto, almeja tão-somente apresentar algumas indicações preliminares – eventualmente precárias – sobre o sentido de alguns cantos e suas relações com determinadas funções e ritos, a partir de uma breve linha do desenvolvimento histórico dessas festas.

Tal recorte deixa de lado outros elementos igualmente importantes que constituem objeto de nosso estudo, mas que, além de extrapolarem as intenções deste ensaio, ainda se encontram em um estado incipiente: as relações dos grupos com os festeiros que dão sustentação material à festa; a vinculação dos versos cantados com a música, a dança e a performance – gestos e atitudes interpretativas – de capitães e embai-xadores, brincadores e foliões, no contexto do ritual e dos símbolos da festa, que remetem para sua fundamentação mítica e para sua dimensão sagrada, e a própria situação socioeconômica dos grupos e de suas comunidades, analisada no cotidiano da produção e circulação de bens materiais.

Todos os versos e trechos de entrevistas aqui citados foram extraídos dos CDs *Reinado do Rosário de Itapecerica MG: da festa e dos mistérios* e *Folia de Reis: Tradição e fé*; trabalhos de registro e divulgação do patrimônio imaterial realizados sob coordenação do autor.¹

* Doutor em Sociologia pela UnB / Universidade de Innsbruck, Áustria. Mestre em Literatura pela UnB; Bacharel em História pela UnB, 1986. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG. Email: sebastiaorios@terra.com.br.

1. Os interessados podem conseguir adquirir os CDs com as respectivas produtoras. *Reinado do Rosário de Itapecerica MG: da festa e dos mistérios*. Viola Corrêa, 2005 – (61) 3445-2646, www.violacorrêa.com.br; *Folia de Reis: Tradição e Fé*. Viola Brasileira Show – VBS, 2006 – (61) 3301-1267, www.violabashow.com.br.

A festa

Durante a festa, suspendem-se as atividades normais, os afazeres cotidianos. Os devotos deixam a lida habitual, a batalha pela sobrevivência, o trabalho voltado a produzir bens que garantem a vida para produzir bens voltados para a afirmação de um sentido para a vida, sentido que se perfaz na religião com o divino. Na festa, o trabalho tem outra natureza. Trabalha-se para Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, para os Santos Reis. Na festa e pela festa cuida-se de separar da azáfama do dia-a-dia o que realmente importa, de selecionar o que deve permanecer e, portanto, ser lembrado, celebrado. Quais os valores mais caros do grupo ou da comunidade? De quem foram aprendidos e para quem serão deixados? Cultuar e comemorar implica lembrar, afirmar e transmitir. Todas essas operações são atualizadas nas festas, período especial em que os santos derramam sua bênção e o sagrado se faz presente na terra.

Tanto a festa dos santos de devoção negra – Reinado ou Congado – como as Folias de Reis envolvem ternos compostos por vários integrantes (capitães ou embaixadores, coro, músicos, dançadores ou soldados, meirinho, alferes ou bandeireiro, palhaço ou bastião), que cumprem suas obrigações de devotos cantando, tocando e/ou dançando nas ruas e nas casas para os santos e os festeiros, vencendo longos percursos a pé e recolhendo donativos, a maior parte para a própria festa. Os festeiros normalmente se oferecem para integrar a corte do santo padroeiro ou carregar a bandeira dos Três Reis, dar um pouso ou ser imperador em pagamento de promessa. Por força de suas obrigações com o custeio da festa, os festeiros detêm, em geral, melhor situação financeira. No Reinado do Rosário, há ainda a presença do rei e da rainha conga, perpétuos, que herdaram a coroa e a missão de dar continuidade à tradição do reinado de seus ancestrais.

A atuação dos foliões se faz pela música. Os rituais do Reinado do Rosário são conduzidos pela música e pela dança, no que se assemelham aos das demais manifestações religiosas afro-brasileiras. A música é, portanto, essencial nesses rituais. Não se trata, contudo, de música

que tenha validade e importância em si mesma, que se esgote no prazer de ouvir e cantar, tocar e dançar. Não há, em outros termos, autonomia estética. Trata-se, antes, de uma função religiosa conduzida pela música. Os foliões e reinadeiros são, normalmente, bons músicos – alguns excepcionais –, mas, ao apresentar os cantos, estão, antes de tudo, expressando sua devoção, não raro cumprindo uma promessa. O elo forte entre música e religião é uma marca muito presente nas culturas tradicionais. No caso das manifestações estudadas, elas também são fruto das peculiaridades de nossa formação histórica.

Um pouco de história

Quando, na colonização do Brasil, o cristianismo europeu entrou em contato com as práticas animistas da África e da América, o caráter mais sensível do catolicismo português, com seu recurso às imagens e à simbologia dos sacramentos que davam concretude ao intangível, ajudou a estabelecer uma mediação entre as crenças dos tupis e o ideário cristão. Forjando um paralelismo um tanto precário entre os dois universos religiosos e culturais, os jesuítas associaram os rituais tupis – cujo núcleo era o culto aos mortos – às potências demoníacas. Os sacerdotes combateram as cerimônias autóctones, substituindo-as por uma liturgia coral e imagética que era renovada em cada procissão (Bosi, 1993). Além disso, apresentavam aos catecúmenos uma legião de anjos e santos que podiam ser invocados em caso de necessidade. Santos que, de certo modo, também são almas de mortos que intercedem pelos vivos, o que facilitava sua adoção. É nesse contexto que as folias chegam ao Brasil, pela mão dos primeiros missionários.

Em Portugal, o termo folia já existia no século XVI – aparece, por exemplo, no *Auto da Sibila Cassandra*, de Gil Vicente – e denominava uma dança viva ao som de pandeiro e canto, representando os próprios Reis que vão adorar o menino Jesus. Sua origem está no drama sacro encenado nas igrejas no Natal, durante a Idade Média. Com o tempo, esses dramas deixam de ser apresentados exclusivamente em latim e libertam-se da música litúrgica. Há também um deslocamento da

ênfase do *Officium Pastorum* – o nascimento e a chegada dos pastores à manjedoura – para o *Officium Stellae*, que compreende o anúncio aos Reis, a viagem seguindo a estrela, o encontro com Herodes, a adoração do menino, a entrega dos presentes, o sonho revelador e a volta por outro caminho, o que desencadeia a matança dos inocentes (Moreyra, 1984).

A folia, como a música e o drama, foi usada pelos jesuítas para a catequese. Os padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta usavam a folia e outras danças nas procissões e nos autos, muitos escritos na língua geral. Com a consolidação da colonização, os rituais usados na catequese do índio disseminaram-se entre colonos portugueses, negros escravos e mestigos de toda sorte e foram incorporados às festas dos padroeiros. Essa combinação da procissão seguida de folia é recorrente na formação das expressões da música tradicional, como a Folia de Reis, Folia do Divino, Folia de São Sebastião, Dança de São Gonçalo. O giro da folia, andando de casa em casa, e os cortejos de rua do Reinado do Rosário têm ligação evidente com essa forma de expressar a devoção.

A formação do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, apesar de suas origens também terem influência das procissões coloniais, apresenta algumas peculiaridades (Hansen, 2001). A primeira é ser o reinado uma expressão religiosa do catolicismo negro. Predominantemente de origem banto, com alguma pitada de elementos de outras culturas negras e das indígenas locais, o catolicismo negro no Brasil – cuja origem remonta às peculiaridades da formação do cristianismo africano que se segue à conversão do reino do Congo, ainda no final do século XV – caracteriza-se pelas trocas e reinterpretações entre crenças distintas e pela existência de sentidos paralelos para alguns ritos e símbolos comuns, a cruz e o rosário, por exemplo. A segunda é ser uma manifestação religiosa desenvolvida em um sistema escravista. Sem desconsiderar a imposição cultural presente na catequese indígena e mesmo na desconfiança que a Igreja tinha das crenças do catolicismo popular ibérico, não se pode olvidar a força dessa imposição com relação ao escravo africano.

Nessa situação de dominação, as irmandades negras desempenharam papéis diversos

e por vezes difíceis de conciliar: ao mesmo tempo que impuseram uma religião oficial e um modo de organização controlado pela Igreja e pela administração do Estado colonial e depois imperial, eram as únicas instituições nas quais negros, crioulos e pardos, escravos, libertos e livres puderam se manifestar com relativa autonomia e liberdade (Aguiar, 2001). Nas irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, os africanos e seus descendentes garantiram a sociabilidade possível nas condições da América portuguesa escravista, reconstruindo laços de solidariedade e de identidade rompidos pelo tráfico. Confrontados com valores estranhos à sua concepção do mundo, os negros assimilaram os elementos e padrões europeus de devoção de acordo com suas próprias concepções religiosas (Souza, 2002). Assim, no culto aos santos católicos, foram ativadas práticas culturais africanas – que deram forma à festa em louvor à santa – no interior de instituições com estatuto europeu, controladas pela Igreja e pela administração colonial portuguesa.

Nesse processo, as práticas culturais africanas, ligadas a saberes, valores, crenças e ritos de origem, mantiveram seu lugar estrutural central, mas foram ao mesmo tempo alteradas pelo fato de se manifestarem em uma festa de devoção católica. Os tambores, que não podiam ser tocados nas igrejas, soavam na rua nos dias de festa, invocando de um modo africano os santos católicos e conferindo a seu culto outros desdobramentos e novas significações (Lucas, 2002), criando essa manifestação singular que é a coroação de reis congos na festa de Nossa Senhora do Rosário e outros santos de devoção negra, com suas ingomas (tambores) justapostas ao rosário, com suas divindades cultuadas à sombra dos santos católicos e preservando seus processos de iniciação (Pereira, in *Congada mineira*).

A documentação mais antiga de coroação de reis congos no âmbito das irmandades de Nossa Senhora do Rosário de que se tem notícia no Brasil data de 1674, no Recife. Em Minas Gerais, a ereção das irmandades de negros, pardos e crioulos acompanha de perto o estabelecimento dos arraiais e das vilas, e a festa começa a apresentar elementos que apontam

na direção de uma morfologia próxima da atual na virada do século XVIII para o XIX (levantamento do mastro, procissão com música, gasto crescente com pagamento de caixeiros e outros músicos), consolidando essa forma a partir da segunda metade do século XIX.

Então, já ia adiantada a separação entre a cultura do povo e a cultura da elite, acentuada a partir do movimento romântico. Nesse contexto mais geral, a Igreja também se afasta das práticas rituais populares que havia criado, mas que já não conseguia submeter ao controle de seus sacerdotes. A convivência do mágico com o religioso instituído nas práticas da religiosidade popular, não raro com predominância do primeiro, é vista como prática profanadora pela Igreja. Sua condenação, entretanto, acaba por criar um estatuto especial para a religiosidade popular e traz como consequência o estabelecimento de um sistema religioso autônomo, alternativo e com maior capacidade de penetração e reprodução entre as camadas populares (Brandão, 1985). Assim, as festas religiosas conduzidas por beatos populares, rezadores, guias de folia, capitães de moçambique, benzedores terminam por constituir rituais distintos e adquirem novas funções.

Proibidos nos templos, os rituais da religiosidade popular acabam estabelecendo-se nos locais menos sujeitos ao controle da Igreja: as periferias das cidades maiores, as pequenas cidades do interior, as corruelas e as capelas erigidas e mantidas pelas comunidades rurais. Isto fez com que, no caso das Folias de Reis, muitas ficassem circunscritas ao ambiente do campo, levando vários estudiosos a considerá-las um ritual do catolicismo rural. Já o Reinado do Rosário continua existindo em muitas cidades históricas surgidas com a mineração e vai se expandindo para as áreas de ocupação mais recente ligadas às atividades agropecuárias. E experimenta o auge entre o final do século XIX e aproximadamente 1925, quando o bispo de Belo Horizonte, dom Silvério Barros Pimenta, proíbe a realização da festa dentro da Igreja, o que, somado às tendências de secularização, acarreta sua desaparição em várias localidades (Giffoni, 1989).

Na década de 1970, com a valorização dos estudos de folclore no meio acadêmico e a

atuação da Funarte na área de cultura popular, essas festas passam por um período de relativo prestígio. Na mesma época, entretanto, a introdução do agronegócio e a consequente mecanização da lavoura acarretam um acentuado processo de urbanização, levando a uma grande migração do campo para a cidade. Isto fez com que as Folias de Reis, então consideradas uma manifestação rural, reaparecessem na periferia das cidades, levando a duas consequências na organização de seu ritual. O giro, que normalmente se dava no período do Natal, entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, acaba perdendo essa delimitação clara. Algumas folias sequer giram propriamente: são convidadas para pagamento de promessa e apenas fazem o cantorio na casa do devoto. Além disso, com a diminuição de moradores no meio rural, as distâncias entre uma casa e outra aumentam, inviabilizando, em muitos casos, o giro a pé. As companhias passam a girar em ônibus – geralmente cedido pela prefeitura – ou carrocerias de caminhão, carreta de trator etc. Os foliões voltam para suas casas após as atividades de cada dia e o pouso ganha um novo sentido.

Assim, a Folia de Reis adapta-se, em muitas localidades, ao ambiente urbano ou suburbano e, como o Reinado do Rosário, que é uma tradição originariamente urbana, e outras celebrações da cultura popular, mostra capacidade de se manter numa situação de heterogeneidade social e em contato com novidades eruditas ou veiculadas pela mídias (Cavalcanti, 2001). É que mesmo com a pressão exercida pelas formas de cultura institucionalizada – escola e meios de comunicação de massa –, elas logram se reproduzir no espaço da vida familiar e comunitária, viabilizada pela rede formada por parentes e vizinhos, geralmente adeptos da mesma religião (Bosi, 1993). A partir de meados da década de 1990, elas chegam mesmo a ganhar novo impulso com o contexto de revalorização da cultura popular como reação à homogeneização global; reação que se expressa pelo fascínio com a diferença e pela consequente sedução das especificidades locais, regionais, étnicas, lingüísticas etc.

A fé e a religiosidade do povo são elementos centrais dessas manifestações tradicionais e explicam em grande parte sua manutenção,

apesar das intensas transformações do contexto histórico que lhes deu origem. Forjadas em séculos de labuta no campo e na cidade, de lida com a terra e exercício de ofícios mecânicos, elas permanecem em razão da fé dos foliões e reinadeiros e do pagamento de promessas dos devotos. Fora desse contexto, tornam-se eventos que se reproduzem mecanicamente pela imitação dos antigos, mas cujo sentido ficou perdido em alguma curva do caminho.

Tradição e inspiração

O cantorio da Folia de Reis tem sua fundamentação em passagens bíblicas ligadas às profecias do Antigo Testamento a respeito da vinda do Messias (por exemplo, Isaías IX, 6 e 7; Isaías XI 1-10; Miquéias V, 1-5) e do Novo Testamento sobre a aparição do Anjo Gabriel para anunciar a Maria sua concepção pelo Espírito Santo, a visita de Maria a sua prima Isabel, o nascimento de Cristo e a viagem dos Magos do Oriente para adorar o menino Jesus na lapinha, em Belém (respectivamente, Lucas I, 26-38; Lucas I, 39-45; Lucas II, 1-20 e Mateus II, 1-12). É possível que o nome de Reis se sobrepondo à referência aos Magos, como aparece em Mateus, seja decorrente da associação com um verso do Salmo 71 (10 “[...] os reis da Arábia e de Sabá lhe trarão presentes”. 11 “E adorá-lo-ão todos os reis da terra”).

O intuito central do giro da folia é propagar e celebrar esses acontecimentos. É comum os embaixadores se colocarem na posição de quem prega o evangelho.

A gente sente aquele amor, aquela paz, aquela alegria pelos Santos Reis. E a gente sente também que tem uma obrigação de seguir aquela tradição, ensinando e evangelizando. Porque o cantar nosso é uma evangelização que a gente faz. Quem prestar bastante atenção, vai vê que nós tá cantando a coisa que tá na Bíblia. Nós chamamo assim no deserto, nas fazenda, né? Sai girando nas fazenda, fazendo o evangelho. (Seu Cândido – Formosa/GO. *Folia de Reis: Tradição e fé*)

Há que considerar, entretanto, que a fixação escrita não é a regra de transmissão dessas passagens. Como afirmam vários foliões, “a

leitura é pouca”. Os cantos que narram essas passagens bíblicas são muitas vezes preservados e transmitidos de avós e pais para filhos e netos, de tios para sobrinhos, em uma tradição oral, sem prejuízo de, em algum momento, serem fixados em uma tabela. Cantos antigos, herdados e aprendidos, apresentam um traço cultural coletivo advindo da perda da referência de seus criadores com o passar do tempo. Mesmo quando a autoria é perfeitamente identificável, prevalece a conexão estreita do talento individual e da criatividade do artista com saberes, fazeres e valores do povo.

No Reinado do Rosário, podemos perceber algo semelhante, posto que os mitos fundadores da festa não sejam os da tradição bíblica. O Reinado do Rosário é uma manifestação em que a herança do universo cultural banto é assaz forte. Nesse universo, o grupo social e a cultura na qual a pessoa está inserida são linhas de força que influenciam diretamente a história individual, suporte da memória coletiva ancestral. Desse modo, entre os cantos tradicionais preservados pelos capitães, destacam-se aqueles diretamente relacionados com a fundamentação mítica da festa, que diz respeito ao aparecimento de Nossa Senhora do Rosário em uma pedra sobre o mar e sua predileção pelo terno de moçambique.

Ô companhia / nossa mãe quando apareceu / apareceu em rocha de pedra / foi sô vigário buscar nossa mãe / nossa mãe não veio / foi banda de música / nossa mãe não veio / foi congadeiro / nossa mãe não veio / foi catopezeiro / nossa mãe não veio / foi vilãozeiro / nossa mãe aluiu

Ô companhia / com moçambiqueiro / nossa mãe saiu

(Capitão Zé Rosa, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Dos mistérios*, faixa 2, “Nossa mãe quando apareceu”)

Por ser a guarda preferida de Nossa Senhora do Rosário – aquela que retirou Nossa Senhora do mar (ou da gruta, em algumas variantes), em um episódio que caracteriza a identificação da santa com a humildade e o sofrimento dos escravos –, o moçambique, principal responsável pela preservação dos mistérios e da sacralidade da festa, tem primazia nos cortejos, cabendo a ele a função de puxar

reis e rainhas negros (perpétuos e congos) e os principais festeiros. Os demais ternos (congo, marinheiro, catopé e vilão) abrem o caminho e conduzem os demais festeiros.

Durante a evolução dos ternos, o capitão canta os versos e os demais componentes respondem em coro, tocando e dançando. Apesar da obrigatoriedade de algumas funções, não há um enredo estabelecido. Os capitães vão tirando os versos, para chegar e sair, cumprimentar e despedir, agradecer e puxar reis e rainhas. Apesar de serem tirados no momento, apropriados para cada situação, eles estão além do improviso.

[...] eu não falo que é improviso, não. Eu digo sempre pros meus companheiros que a gente sempre tem uma luz lá de cima, a Nossa Senhora. Então, quando a gente tá cantando, ela ilumina o espírito da gente, a gente canta coisa que no outro dia você não sabe o que cê cantou, entendeu? E sai daí; então, é o que a gente faz. A gente não decora [...]. (Capitão Geraldo H. d'Alessandro. Reinado do Rosário de Itapecerica, MG)

[...] eu não canto verso nenhum sem ter um sentido daquilo, um significado. A gente canta muito também é por intuição [...] é que noventa por cento da hora que eu tô cantando, eu quase que só canto encostado. Então, a entidade vem. Ela influi no meu ouvido. Ela que passa muita coisa pra mim [...]. (Capitão Júlio Antônio Filho. Reinado do Rosário de Itapecerica, MG)

Na Folia de Reis manifesta-se fenômeno semelhante. Para bem exercer sua missão, o embaixador deve conjugar habilidades musicais, capacidade de liderança e conhecimento do fundamento da folia, o que muitas vezes se dá pela transmissão oral. Os versos podem ser fixos – da tabela – ou criados na hora. Nesse caso, eles também podem ser mais do que um improviso:

Quando cê vai fazer uma visita, aí cê chega lá na casa, cê fica sabendo mais ou menos da situação. Nesse caso não tem jeito de escrever. Isso é uma situação que acontece ali na hora. Como é que é isso? Cê cria os versos. Às vezes cê já tá girando há algumas horas, já tá muito cansado e os versos vai saindo tudo direitinho.

De onde vem isso? Quem é que tá cantando ali naquela hora, colocando os versos no lugar certo? Aí que vem aquela parte que eu te disse do amor. Então você tendo amor, pensar sempre em Deus, sempre em Santos Reis, então não existe dificuldade na situação que você encontra. Cê vai encontrando, a situação logo te toca o que você tem que cantar. Então a gente não pode misturar outros assuntos com aquele assunto da folia, aquele assunto de Santos Reis, bíblico. Senão atrapalha. Então, a gente vai tranquilo, porque a gente sabe que no momento Deus manda o que a gente tem que falar. Pra mim sempre mandou. (Luisinho – Inhumas / GO)

É importante salientar que essa comunicação é especialmente efetiva no contexto da festa. Aliás é isso mesmo que é simbolizado pelas bandeiras dos santos erguidas no alto do mastro: a ligação do céu e da terra durante o período da festa.

Trabalha nego / trabalha direito / a senhora do Rosário / merece nosso respeito [...] Ora viva cai sereno / na aba do meu chapéu / a bandeira hoje ela sobe / pra ficar perto do céu (Capitão Libério, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Da festa*, faixa 5, “Trabalha nego”)

Cultura popular

Originários de um modo de vida rústico, os objetos simbólicos criados por homens do povo, oficiais mecânicos ou lavradores têm ligações diretas com as condições concretas de uma batalha dura pela sobrevivência. Na concepção da sabedoria popular, entretanto, o mundo da necessidade está longe de ser desencantado. O realismo no trabalho e na esfera econômica básica está associado com a sobrevivência em um universo potencialmente mágico, construído de acasos, azares e sortes, estando sujeito à intervenção de potências malignas e benignas. Nesse contexto, a arte dos mestres da cultura popular, ao mesmo tempo em que guarda utilidade para as necessidades da vida, revela-se misteriosa ao lidar com uma força transcendental. O povo reconhece-os como homens e mulheres dotados de força íntima, detentores de antiga sabedoria e capazes de agir como

intermediários entre o semelhante e o plano do sagrado (Bosi, 1993 e 2002). Não por acaso, as bênçãos que os embaixadores de folia ou os capitães do reinado trazem – em nome dos Santos Reis ou de N. Sra. do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia – são tão desejadas.

No pensamento característico de nossa cultura popular, o mundo é dividido em duas partes complementares: este mundo, dos eventos perceptíveis, e o outro mundo, das causas invisíveis dos acontecimentos percebidos. O primeiro é o universo físico e psíquico dos vivos, que experimentam tribulações provocadas em grande parte pela ação de forças ruins, contra as quais buscam proteção dos poderes do bem. O segundo é composto pelas almas dos ancestrais e espíritos diversos, próximos do universo dos vivos, com os quais mantêm relações, fastas ou nefastas (Bosi, 1993).

Na concepção banto – que, aliás, coincide em muitos aspectos com as da nossa cultura popular atual, que leva ainda ingredientes de tradições ibéricas arcaicas e dos povos autóctones da América –, a comunicação entre os mundos seria possível por meio de ritos executados por líderes religiosos com conhecimento mágico e que têm o poder de entrar em contato com as forças sobrenaturais. Esses feiticeiros atuam em prol da comunidade, zelando pela fertilidade, pelas relações do homem com a natureza, pelas instituições sociais mais importantes, como é o caso da família, e pela ordem política, a qual legitimam entronizando o novo chefe. Outros prestam mais serviços privados, com ajuda de inquices. Um bastão de 120 centímetros, esculpido no topo, é usado como distintivo de seu poder. Há ainda os que trabalham para prejudicar os adversários e inimigos de seus clientes (Souza, 2002).

Os cantos dos capitães do Reinado do Rosário têm um evidente cunho religioso, cuja matriz é o catolicismo negro de raiz banto; ou seja, permeado pela visão do mundo supracitada. Uma das primeiras evidências dessa origem presente nos cantos da festa são as reminiscências da concepção africana de realeza. A aura de sacralidade era atributo intrínseco de toda monarquia. Na África Centro-Oeste, o rei conservava funções do sacerdote e era visto

como ser divino. Ele mantinha estreita ligação com o mundo dos ancestrais e era responsável pela abundância do reino e pela harmonia das comunidades que governava. Assim, a religião era fonte de poder, e este, fonte de riqueza para o grupo. A divindade atribuída ao rei – ou rainha – comunicava-se com as insígnias do seu poder, a coroa especialmente, que conservavam características mágicas, contribuindo para a harmonia, o bem-estar e a saúde do grupo. É por isso que, nos cantos do reinado, são tão freqüentes, ao lado das invocações dos santos e dos pedidos de proteção, as homenagens aos reis e a veneração da coroa:

Esta festa de reinado / é uma festa diferente / acorda quem tá dormindo / melhora quem tá doente

Quando chega neste dia / óia eu não choro à toa / quando for logo mais tarde / vou buscar santa coroa

(Capitão Tonho do Alderano, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Da festa*, faixa 4, “Congada passou na ponte”)

Coroê, coroa / coroa do senhor rei, coroa
Ô viva nosso rosário / ô viva São Benedito / eu danço este reinado / danço porque acredo (Capitão Amilton, Reinado do Rosário de Itapecerica MG. CD *Dos mistérios*, faixa 6, “Coroa”)

O preto de ngola / hoje que não chora a toa / o preto de ngola / que ele é dono de coroa
Eu nasci aqui no mundo / eu nasci pra trabalhar / hoje eu trabalho é com Deus / co'a virgem mãe do rosário
(Capitão Tonho Pretinho, CD *Da festa*, faixa 14, “Sou João carreiro”)

Nesse último canto, aliás, chama a atenção a pronúncia “Ngola”, que respeita a dicção das línguas banto, sem o acréscimo da vogal pelos colonizadores portugueses.

Nos cantos do Reinado do Rosário é ainda muito presente a atribuição à ação maléfica de espíritos ou de pessoas que lançam mau-olhado, ou usam da feitiçaria para prejudicar outrem, da responsabilidade pelo rompimento do equilíbrio e pelas adversidades que sucedem. Boa parte da atuação dos capitães do reinado é voltada para o restabelecimento do equilíbrio,

da harmonia e do bem-estar, recorrendo, nessa tarefa, a Nossa Senhora do Rosário e demais santos:

eu pisei na terra / e a terra gemeu / o que tava torto / sempre se endireitou / a jomba de nego / é de Nossa Senhora / eu venho de tão longe / é com Nossa Senhora / a Nossa Senhora / é que vai me ajudar / aqui nesse reino / é que vai me levar. (Capitão Júlio Antônio Filho, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Dos mistérios*, faixa 15, “Cê me dá licença”)

Guiado por Nossa Senhora do Rosário, o terno vem devagar, cadenciado, livre de todo perigo e obstáculo. Tocando e dançando em louvor à santa, o capitão entoa os cantos destinados a livrar o grupo, as casas que visita e as situações que encontra da ação das forças ruins, tirando-as de seu caminho ou contornando-as:

óia que me mata, só pra rodiar / o que mata nego é só pra rodiar. (Capitão Júlio Antônio Filho, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Dos mistérios*, faixa 16, “Cruze de São Bento”)

Andando pelas ruas, onde estão sujeitos a forças desconhecidas, o grupo pode encontrar o que ofende – agulha –, por isso, ele precisa da defesa – o dedal.

ô Nossa Senhora me mandou recado / ô mandou me chamar na festa do reinado / andei, andei, andei lá no mar / procurando agulha, eu achei dedal. (Capitão Geraldo de Nazaré Balbino, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Dos mistérios*, faixa 17, “Que beleza, louvado seja”)

E se a energia é negativa, está desorganizada, o capitão afirma sua força para limpar o ambiente:

o poço tá cheio, eu tiro com a cuia / se a cuia quebrar, eu costuro com agulha
(Capitão Geraldo de Nazaré Balbino, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Dos mistérios*, faixa 17, “Que beleza, louvado seja”)

Em razão dessas ameaças potenciais, são realizados rituais em que se invocam a proteção

de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário para fechar o terno, garantindo seu fortalecimento espiritual e preparando-o para sair à rua:

Nas hora de Deus começa / o Pai e Filho e Espírito Santo / mas vou pedir Nossa Senhora / que livra nós dos maus encantos

Ô meus irmão / com favor de Deus vamo acomeçar / companhia santa vamo pelejar / de joelho vamo pelejar / companhia santa vamo pelejar

Nas hora de Deus começa / nas hora de Deus amém / vou pedir São Benedito / que livra nós do mal que envem

(Capitão Zé Aníbal, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Dos mistérios*, faixa 10, “Com favor de Deus, vamo acomeçar”)

Como essa percepção é comum à toda cultura popular e não exclusiva da herança banto, era de se esperar que tais invocações também ocorressem na Folia de Reis, o que efetivamente acontece. O primeiro rito do giro é a alvorada – também chamada *arvorada* ou retirada da bandeira. Nesse momento, a bandeira que fica guardada em local especial na casa do festeiro – ou de pessoa que desempenhe papel importante nas funções religiosas da festa –, durante o ano, é retirada para o início do giro e é comum que os instrumentos sejam benzidos pelo guia, por um benzedor da comunidade ou pelo padre. Os cantos de início então entoados versam, geralmente, sobre pedidos de proteção do grupo, para que o giro ocorra em boa paz e livre de qualquer má influência.

Pelo sinal da Santa Cruz / livrai Deus nosso Senhor

Para livrar dos inimigos / foi o sinal que Deus deixou

Pra fazer o nome do Pai / com a mão direita fizemos

E com essas santas palavras / o nosso corpo benzemos.

(Capitão Fuscão, *Folia de Reis: Tradição e fé. Giro dois*, faixa 1, “Anunciação”)

Um outro momento da Folia de Reis em que o papel do embaixador como mediador entre os devotos e o plano do sagrado fica explícito é a visita a morador. Estas podem ser por devoção e, nesse caso, o cantorio tende a ser breve. A

companhia canta um verso de saudação ao morador, que recebe a bandeira e a leva a todos os cômodos da casa, e o guia o abençoa e pede a oferta para a festa. Também podem ser devidas a pagamento de promessa. Então o embaixador vai se informar do teor dela, ajudando o devoto a cumprí-la. Nesse caso, ele se coloca justamente como intermediário junto aos Três Reis do Oriente – comumente percebido como a entidade *Santos Reis* –, cuja visita ao Menino Deus é revivida naquele momento.

Os Magos se arreuniram / na terra do Oriente / pra cumprir uma promessa / pr'aquele que tá devendo [...]

A promessa que vós fez / viemo para cumprir / os Três Reis lhe dá as mãos / ajuda ao céu subir

Aí está os Três Reis Santo / todos de bom coração / pra cumprir tua promessa / os Três Reis lhe dá as mãos.

(Zé Rosa, *Folia de Reis: Tradição e fé*. Giro um, faixa 4, “Cumprimento de promessa”)

Como vimos, a comunicação entre o mundo natural e o sobrenatural, que tem influência sobre o primeiro, é de especial importância para os povos bantos. E, para muitos deles, a cruz constitui um símbolo privilegiado dessa comunicação. Assim, não admira que adotassem prontamente a cruz trazida pelos missionários portugueses. Acresce, porém, que o pensamento banto – inclusive no que diz respeito a rituais e objetos religiosos – caracterizava-se por uma certa plasticidade e maleabilidade, incorporando contribuições dos povos com os quais entrava em contato. Ao longo da história, a região do Congo/Angola vivenciou uma série de movimentos religiosos, ou seja, a adoção de novos ritos e objetos de culto em situação de dominação ou quando os antigos, em momentos de crise (seca, fome, guerra etc), já não cumpriam satisfatoriamente sua função de ampliar a ventura e prevenir a desventura. A incorporação dessas contribuições, entretanto, dava-se pela leitura delas a partir de seu próprio instrumental cognitivo, aceitando-as em parte como próprias, mas resistindo a transformações radicais (Souza, 2002).

O cristianismo africano constituiu, na longa duração, um novo movimento religioso,

excepcionalmente poderoso. Sua incorporação, com a qual os chefes visavam sobretudo ao incremento de seu próprio poder e, por conseguinte, da harmonia das comunidades que governavam, se dá, porém, com a devida adaptação à visão do mundo banto, sem alteração essencial de sua estrutura central: explicação dos acontecimentos deste mundo com referência ao sobrenatural; atribuição de grande importância à interferência dos ancestrais no presente, e responsabilidade de feiticeiros e sacerdotes (cujas funções também são exercidas pelos reis) de promover a comunicação entre os dois mundos, conjurando os bons espíritos e exconjurando os maus para promover a felicidade na terra.

A herança desses valores religiosos herdados dos bantos no Reinado do Rosário (ou Congado) faz da festa uma das manifestações mais significativas do catolicismo negro no Brasil, que é baseado em trocas e reinterpretações nas quais predomina um paralelismo de sentido. A cruz, por exemplo, para muitos povos bantos, constitui símbolo de especial importância nas relações entre o mundo natural e o sobrenatural, que tem enorme influência sobre o primeiro. Assim, quando congoleses adotam a cruz, eles estão expressando suas crenças tradicionais. Os portugueses, entretanto, vêem nesse fato a adoção integral da fé católica. Sendo um símbolo comum às duas culturas, não é de admirar que ele tenha posição de relativo destaque na festa do reinado. Mesmo assim, causa alguma admiração escutar a menção à cruz de São Bento em um canto – aliás em grande parte entoado na língua da costa – no qual o capitão justamente invoca seus ancestrais e seus guias espirituais, estabelecendo a comunicação com o mundo deles:

Ô pelo sinale de santa coroa / cruze de são bento já me deu sinal / já me deu sinal / meu cruzeiro bento já me deu sinal

Eu mandei lá na angola buscar meu pai / aqui neste reino meu pai vai chegar / meu pai vai chegar / eu chamo meu pai pra me ajudar [...]

Ê mamãe segura esta jomba / aqui neste reino não é brincadeira / ê mamãe não é brincadeira / a jomba de nego não é brincadeira [...]

Ave maria, cruze de são bento / eu cruza com cruza, cruze de são bento / eu cruza com cruza, eu rezou mandamento

(Capitão Júlio Antônio Filho, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Dos mistérios*, faixa 16, “Cruze de São Bento”)

Uma outra marca distintiva da influência dos valores religiosos banto é a presença de um sentimento derivado do culto aos ancestrais, que é responsável pelo fato de a memória coletiva dos reinadeiros atualizar fragmentos da história da escravidão e do sofrimento dos antepassados cativos nos rituais e nos cantos da festa. Essa atualização vem acompanhada em muitas localidades de um sentimento de gratidão à princesa Isabel, percebida como responsável pela libertação dos escravos:

No tempo do cativeiro / preto não tinha valor / salve a princesa isabel / que os preto libertou
Salve a princesa isabel / que fez a libertação / preto entrava no couro / quando abeirava fogão
(Capitão João de Souza, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Da festa*, faixa 18, “Garoa”)

Ora viva meus irmão / eu tenho que reclamar / tenha dó de um preto velho / ocês tem de me ajudar
No dia treze de maio / veja como nego sofria / eu apanhava de chicote / que até o couro tremia
(Capitão Sebastião José do Nascimento, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Da festa*, faixa 20, “Chuí, chuá”)

Na formação da imagem da princesa Isabel como redentora dos cativos comparecem novamente, lado a lado, concepções africanas e cristãs. Fenômeno complexo, muitas vezes incompreendido, a adoração da princesa incomoda, hoje, os setores mais politizados do movimento negro, que o vêem como alienação, como incomodou, então, os abolicionistas republicanos, que não entendiam o sentido dessa veneração por ex-escravos, libertos e mesmo negros e mulatos livres, muito dos quais participaram ativamente da luta pela abolição. Tal incompreensão, não raro, é devida ao desconhecimento dos meandros da cultura africana.

Nos festejos da abolição, os negros comemoraram a restituição, pela rainha, da harmonia e do equilíbrio natural, marcando a mudança do tempo em que o mundo estava torto – tempo do

cativeiro – e que a rainha endireitou, concedendo a liberdade. Aqui é preciso lembrar a tradição africana de constituição de organizações políticas pela guerra. Terminada esta, os perdedores se declaravam súditos do dominador, que, ao ser entronizado, cambiava de conquistador, portador da morte, para rei de natureza divina e poderes de sacerdote, garantidor da vida. Com o estabelecimento do novo reino, integravam-se vencedores e derrotados.

Essa experiência africana de legitimação do poder do rei pela conquista de outros povos em batalha era representada em danças dramáticas comuns nas festas de coroação de rei congo na Colônia e no Império. Nestas, a incorporação de grupos rivais – geralmente, índios e brancos –, a partir de sua conversão ao catolicismo, era presidida pelo rei do Congo, após a vitória dos negros, que contavam com a proteção de Nossa Senhora do Rosário. Perdedores no cotidiano, os negros compareciam nas representações da festa como ganhadores. Com tais ingredientes, a ação da regente, que vence uma batalha em favor dos negros, confunde-se com uma atitude divina, o que é facilitado tanto pela identificação comum da princesa e da santa com a causa dos cativos como pela concepção cristã de salvação, que se perfaz na imitação do sacrifício de Cristo: salvando os escravos, a princesa perde o trono e é exilada – experiência bem conhecida dos africanos transplantados para a América.

A percepção da abolição como obra conjunta da princesa Isabel e de Nossa Senhora do Rosário comparece na seguinte embaixada:

Eu era um passarinho / que voava lá no céu / e lá de cima via / oi a princesa isabel
Quando na nuvem apareceu / apareceu Nossa Senhora / foi à princesa a pediu / pra libertar os filhos seu
No dia treze de maio / eu amarrado na corrente / veio princesa isabel / nego véio libertou / foi Nossa Senhora / que esse nego véio salvou
(Capitão Aniello d’Alessandro, Reinado do Rosário de Itapecerica MG. CD *Dos mistérios*, faixa 7, “No dia treze de maio”)

O elo forte entre música e religião é uma marca das culturas tradicionais e, como já foi apontado, é central também na maior parte das

manifestações de nossa cultura popular. Nas manifestações religiosas brasileiras recebidas de mão africana, destaca-se sobretudo o ritmo absorvente e dominante que faz a conexão com o mundo espiritual (Cascudo, 1952). Destarte, é fácil entender que, no Reinado do Rosário, tambores, caixas e tamborinhos, gungas e patangomes, adufes e ganzás tenham intrinsecamente uma dimensão sagrada. Seus toques e batidas são carregados de expressividade e significação igualmente sacralizadas (Lucas, 2002). Com tal importância simbólica, esses instrumentos percussivos são, naturalmente, invocados nos cantos, no mais das vezes como sendo de Nossa Senhora do Rosário.

Encontrei Nossa Senhora / bem no meio do jardim / ela tava me contando / para não deixar tamborim

(Capitão César do Patrocínio, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Dos mistérios*, faixa 14, “Encontrei Nossa Senhora”)

Ô gunga não é minha / gunga é de quem é / no dia de hoje / é gunga de mamãe

Ô eu mexo com gunga / gunga não qué / no dia de hoje / falta caeté

(Capitão Zé Rosa, Reinado do Rosário de Itapecerica, MG. CD *Dos mistérios*, faixa 2, “Nossa mãe quando apareceu”)

A gunga aqui referida é um chocalho de latinha – antigamente, de cabaça ou de casca de bambu trançada – com sementes (de caeté) ou chumbinho no interior. Alguns reinadeiros associam-na a guizos colocados nos tornozelos de escravos para denunciar a fuga. Neste último verso de um canto de despedida, acabando a festa, falta a semente para fazer soar o chocalho.

A sacralização de objetos de importância simbólica – mesmo não se tratando de instrumentos musicais – tampouco é estranha à festa de Reis. A bandeira com a imagem dos Reis Magos constitui objeto sagrado por excelência da folia e é igualmente referida nos cantos.

A bandeira dos Três Reis / é uma bandeira sagrada / veio lhe fazer uma visita / veio benzer sua morada

Na sua casa chegou / os Magos do Oriente / vem lhe pedir uma oferta / nessa casa, a toda gente

Já beijou minha bandeira / repara o Santo qual é / ela é vem pedindo oferta / a quantia que puder

Santos Reis lhe pede oferta / mas não marca a quantidade / o pouco com Deus é muito / dado de boa vontade.

(Zé Rosa, *Folia de Reis: Tradição e fé*. Giro dois, faixa 4, “Pedido de oferta”)

A bandeira, por presentificar os Três Reis, deve sempre ir à frente do grupo. E é interessante notar que, durante as gravações do CD *Folia de Reis: Tradição e fé*, mesmo fora do contexto da festa, todos os grupos posicionaram o alferes com a bandeira na frente. Essa necessidade foi assim expressa por um embajador:

É bom que a gente canta os verso em pessoa. Fica mais bonito, né? Bandeira de Santos Reis, São Sebastião. Parece que pra cantar sem a bandeira também não é certo não, né? Tem que ter a imagem do santo ali pra gente vê. (Francisco Messias – Sagarana)

(In)conclusão

Chegando ao fim deste ensaio, não cabe fazer uma conclusão de um trabalho ainda inconcluso. Recapitulando o que acima ficou dito, vale enfatizar que os cantos do Reinado do Rosário e da Folia de Reis, na qualidade de objetos simbólicos criados pelos mestres da cultura popular, lidam com o plano do sagrado, buscando trazer as bênçãos dos Magos do Oriente, de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito, de Santa Efigênia para seus devotos. A intermediação exercida pelos capitães e embaixadores é voltada sobretudo para a proteção e o fortalecimento espiritual do grupo e a manutenção ou restabelecimento do equilíbrio, da harmonia e do bem-estar da comunidade. Em seus cantos, além de exaltar os objetos ritualmente sacralizados, são invocados os santos e também os ancestrais e outros espíritos e entidades que, mesmo habitando o mundo sobrenatural, estão próximos do universo dos vivos e têm sobre ele grande influência.

Abstract: In this essay are presented reflections concerning the meaning of certain Folia de Reis and Reinado de Nossa Senhora do Rosario chants and their historical development. We seek mostly to understand the relations established by the folklore masters, through these symbolic objects, with the sacred realm and the supernatural world. The quoted chants and statements integrate the intangible patrimony recording and publicizing work done under the author's coordination.

Key-words: popular culture, folklore, popular religiosity, sociology of religion, Folia de Reis, Reinado de Nossa Senhora do Rosario.

Referências

- AGUIAR, Marcos. M. de. Festas e rituais de inversão hierárquica nas irmandades negras de Minas colonial. In: JANCSÓ, István & KANTOR, Iris (Org.). *Festa. Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: 2001, v. 1. p. 361-393.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- _____. Homenagem a mestre Xidieh. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 270-282.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A memória do sagrado*. Estudos de religião e ritual. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- CAVALCANTI, Laura Maria. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 147, out.-dez. 2001. p. 69-78.
- CONGADO MINEIRO. Coleção Itaú cultural – Documentos sonoros brasileiros 1. Acervo Cachêra. Direção de pesquisa de Paulo Dias. Textos de Paulo Dias e Edimilson de Almeida Pereira.
- FOLIA DE REIS: TRADIÇÃO E FÉ. Viola Brasileira Show – VBS, 2006.
- GIFFONI, Maria Amália Corrêa. *Reinado do Rosário de Itapecerica*. São Paulo: Associação Palas Athena do Brasil, 1989.
- HANSEN, João A. A categoria ‘representação’ nas festas coloniais dos séculos XVII e XVIII. In: JANCSÓ, István & KANTOR, Iris (Org.). *Festa. Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: 2001, v. 2. p. 735-755.
- LUCAS, Glaura. *Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MOREYRA, Yara. Memórias de Folias. *Separata da Revista Goiânia de Artes*. Goiânia, n. 5 (1), jan.-jun. 1984. p. 43-111.
- REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA MG: DA FESTA E DOS MISTÉRIOS. Viola Corrêa, 2005.
- SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.